

Estrada de Baturité

I

Entre os melhoramentos da província do Ceará, avulta sem dúvida a sua primeira via férrea.

Se no tempo da prosperidade, a estrada de Baturité era uma promessa de engrandecimento, na crise medonha que aflige a província, tornou-se uma das esperanças de salvação para aqueles povos flagelados.

Infelizmente uma nociva influência agorentou²³ desde o princípio o desenvolvimento da empresa; e de tal modo a tem comprometido que afasta a proteção do governo.

Cumpre assinalar essa causa, para advertir os acionistas da necessidade urgente de removê-la, preservando assim a empresa da ruína, que lhe preparam dois agentes, a quem o ilustre senador Pompeu confiara os destinos da Companhia.

É o fim que nos propomos, traçando resumidamente a história dessa importante associação.

A iniciativa de sua primeira via férrea, o Ceará a deve ao distinto comerciante Joaquim da Cunha Freire, barão de Ibiapaba, e um dos mais prestantes cidadãos da província.

Apareceu há tempos uma pessoa cujo nome não conservamos de memória, pretendendo para si aquela glória; mas ninguém tomou ao sério a ridícula presunção. Se o caixeiro dirigente fosse iniciador das operações do negociante, qualquer marujo de Colombo se poderia intitular descobridor da América.

A construção de uma estrada de ferro era desde muito a ardente aspiração dos cearenses, que por impulso próprio, com a nativa perseverança, haviam dotado a sua capital de melhoramentos consideráveis, como o calçamento das ruas, o encanamento d'água, a iluminação a gás e outros.

²³ *Agorentar*. Conforme o *Aulete*: “encurtar; diminuir, aparar em roda”.

Um distinto engenheiro, o dr. José Pompeu, já em 1868, aventava o plano de uma estrada de ferro na memória que publicou acerca das vantagens do *train road*, de que era concessionário.

Mas a ideia prática, o projeto que se traduziu em fato, foi um cometimento do barão de Ibiapaba, cujo caráter empreendedor e tino mercantil é conhecido não só no Ceará, como nas praças com ele relacionadas.

Compreendeu o iniciador a necessidade de associar ao seu projeto dois homens preponderantes do lugar, e, como ele, diretores da opinião: o senador Pompeu, respeitado por sua ilustração e influência política; o barão de Aquiraz, chefe de uma família importante e o primeiro fazendeiro da província.

Para esse fim, e também para os misteres da escrita, serviu do intermediário um agente, que foi pago generosamente com um quinhão de ações beneficiárias, com as quais, indevidamente, fez-se diretor.

Além dos dois cidadãos referidos, foram convidados para colaborar na empresa da estrada de ferro, o dr. José Pompeu, que defendera a ideia, e o representante da grande casa inglesa de importação e exportação, desde muitos anos estabelecida na província.

A esses cinco cavalheiros, concedeu-se o privilégio, figurando no contrato em primeiro lugar o senador Pompeu, por natural deferência à sua posição.

Instalada a Companhia, cessionária do privilégio, e quando ainda não estava definitivamente organizada, cometeu-se o primeiro erro, encetando-se contra o voto do barão de Ibiapaba os trabalhos da empresa sem o capital preciso.

Essa precipitação, primeira causa dos transtornos da Companhia, foi devida a instigações do agente, apoiado pelo ilustrado senador Pompeu, que nele depositava plena confiança.

Continuaremos.

L.